

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
ALAIN TANNER: UM SUÍÇO EM FUGA  
29 e 30 de novembro de 2022

# CHARLES MORT OU VIF / 1969

*(O Último a Rir)*

um filme de Alain Tanner

**Realização e Argumento:** Alain Tanner / **Fotografia:** Renato Berta / **Música:** Jacques Olivier / **Montagem:** Silva Bachmann / **Som:** Paul Girard / **Interpretação:** François Simon (Charles Dé), Marcel Robert (Paul), Marie-Claire Dufour (Adeline), Andre Schmidt (Pierre Dé), Maya Simon (Marianne Dé), Michele Martel (Germaine, mulher de Charles), Jo Excoffier (Repórter de TV), Walter Schochli (o detective), Jean-Pierre Moriaud (o advogado), Jean-Luc Bideau (1º enfermeiro), François Reusser (2º enfermeiro), Janine Christoffe, Martine Simon, Pierre Verdan, Antoine Bordier, Liliane Bovard.

**Produção:** Le Groupe 5 (Genebra) em colaboração com a Televisão Suíça SSR / **Produtor:** Alain Tanner / **Cópia:** dcp, preto e branco, legendada eletronicamente em português, 94 minutos / **Estreia em Portugal:** Satélite, em 13 de Fevereiro de 1973.

Grande Prémio do Festival de Locarno de 1969.

---

Tanner formou-se no documentário e na televisão, depois de ter cursado cinema em Inglaterra ao lado de Claude Goretta, pelo que o seu primeiro filme, realizado no fim do curso, encontra toda a razão de ser no chamado "free cinema". **Nice Time** era, segundo Tanner, "uma série de impressões sobre a realidade do sábado à noite. Uma realidade que interpretámos para dela tirar um sentido e apresentar o que Jean Vigo chamava um ponto de vista documental." O mesmo sentido e o mesmo estilo que orientava filmes como **Momma don't Allow, We are the Lambeth Boys** de Reisz ou **Every Day Except Christmas** de Anderson. Regressado à Suíça e na impossibilidade de aplicar os seus conhecimentos directamente no cinema, Tanner vira-se para o trabalho televisivo e é nessa condição que em Maio de 1968 está em Paris para captar em directo as manifestações estudantis que foram o ponto culminante desse ano de contestação. Nas barricadas e dentro das faculdades, Tanner apanha os debates ao vivo, capta as sacudidas que o poder e a moral sofrem, de que o poder se recomporá rapidamente, com o referendo gaullista e a manif de Malraux, levando a moral mais tempo a recompor-se dado que foi preciso uma geração para pôr a aventura em causa. O resultado aparece em **Le Pouvoir est dans la Rue**, reportagem para a televisão suíça. É neste contacto com a contestação que germina e se desenvolve a ideia de **Charles Mort ou Vif**, primeira longa-metragem de ficção de Alain Tanner. A semente é uma outra reportagem televisiva feita pouco tempo antes: **Dr. Medecin de Campagne**, tomada de consciência de um médico que descobria um mundo diferente daquele em que sempre vivera após ser vítima de uma depressão nervosa. Esta reportagem que ganhou o prémio da televisão suíça em 1968 trata de um caso autêntico que Tanner irá desenvolver em forma de ficção em **Charles Mort ou Vif**.

No mesmo ano, 1968, formara-se o "Grupo 5" destinado à produção de filmes, constituído por Tanner, Goretta, Jean-Louis Roy, Michel Soutter e Jean-Jacques Lagrange (substituído em 1971 por Yves Yersin). Com os novos apoios dados ao cinema pelo governo suíço, e com o prestígio adquirido no seu trabalho televisivo Tanner pôde, enfim, enveredar pela ficção.

O modelo, inspirado nas formas do "free cinema", "cinema directo" e outras designações semelhantes tinha, como todos estes movimentos a marca da influência da televisão, (como o primeiro filme de Fernando Lopes, **Belarmino**) com os seus vícios mas também com as suas virtudes. Entre estas temos por exemplo, a economia, com a rapidez de filmagens, o uso dos exteriores e uma câmara movel, recorrendo com frequência ao plano-sequência para evitar as demoras da montagem. O resultado é que **Charles Mort ou Vif** se ficou por uns 120 mil francos, que, ao câmbio de então, correspondia a pouco mais de 3.000 euros o que serviu de pretexto para mais duma intervenção em debates cá pela nossa terra para se comparar com os orçamentos para os primeiros filmes produzidos pelo Centro Português de Cinema. Mas isso é outra história. Não esqueçamos também que foi só em Fevereiro de 1973 que **Charles Mort ou Vif** se estreou entre nós.

Feito sob o signo de Maio, a primeira longa-metragem de ficção de Tanner surge, naturalmente, marcada da ruptura, da recusa assumida por uma certa burguesia enfasiada com os seus valores (ou a falta deles). Charles Dé nunca foi, de facto, membro completo desse estrato social: era como um casulo cuja aparência exterior escondia um processo de transformação que tinha origem na figura do avô, operário jurassiano, libertário e companheiro de anarquistas famosos, que descera das montanhas para a cidade com a ferramenta às costas. Sendo cada geração uma manifestação de oposição à anterior, o pai de Charles Dé será o elemento conformista que irá edificar a empresa que o nosso herói herda. A oposição de Charles manifesta-se com uma série de iniciativas de apoio aos seus operários que não encontram a recepção esperada, desconfiados estes (e com razão) de tanta fartura. Mas o que nele fervilhava irá de súbito eclodir na festa de homenagem do centenário da fábrica de relojoaria que tem lugar quando Charles Dé festeja também os seus cinquenta anos. Não deixa de ser curioso que seja um personagem com esta idade que se vai recusar a seguir o sistema, embora não seja caso único no cinema suíço de então (que na vida real não era bem assim, pois não há notícia de qualquer industrial que, como Charles Dé tenha optado pela vida de vagabundo), como se fosse aquela geração a que, concretamente, tinha a consciência de que perdera posta diante da realidade das manifestações e exigências dos jovens. E, sendo Tanner um homem de televisão, é à televisão que cabe o papel dinamizador. É após a entrevista em que Charles recorda, com ternura a figura do avô que ele se afastará, sem qualquer aviso prévio, daquele meio. É tarde, porém. Charles era um homem do sistema e o seu afastamento só terá lugar de acordo com o sistema. Não há local onde possa esconder-se. Cedo ou tarde os representantes do poder, ou dos que velam pela sua "sanidade" o encontrarão e o devolverão ou para o meio, ou para o asilo. Talvez inconscientemente Charles tenha consciência disso, daí a pouca força e convicção manifestas na sua revolta, limitando-se esta a ser um compasso de espera, uma trégua que lhe é dada pelo poder que o seu filho Pierre tão bem encarna, e contra o qual a filha nada pode. Trégua que lhe permite conhecer um casal de boémios, conhecer o que até então lhe era oculto e mesmo a possibilidade de experimentar o amor, se a isso ousar. Mas trégua apenas. O desengano em breve se desenha nas figuras grotescas dos enfermeiros incapazes de apreenderem o sentido da frase que Charles lê. Hoje, acompanhando a obra de Tanner podemos justamente duvidar do sentido optimista que poderia ter sido atribuído à frase final de **Charles Mort ou Vif**: "Rira bien qui rira le dernier".

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico